

CARTAS PARA A PRÓXIMA GERAÇÃO

REFLEXÕES PARA O IOM KIPÚR

pelo Rabino-Chefe da Grã-Bretanha
Lord Jonathan Sacks



LETTERS TO THE NEXT GENERATION
by Chief Rabbi Lord Jonathan Sacks
Copyright © 2009 by Office of the Chief Rabbi

Direitos em língua portuguesa cedidos e reservados à
EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.
Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil
Tel. 11 3826-1366 Fax 11 3826-4508 sefer@sefer.com.br
Livraria Virtual: **www.sefer.com.br**

Apoio:

CONIB – Confederação Israelita do Brasil

Tradução	David Gorodovits
Edição Final	Bernardo Lerer
Revisão	Ilana Fridlin
Editoração Eletrônica	Editora Sêfer
Imagem da Capa	“The Book of Live II” de Shraga Weil, cortesia da Galeria Safrai (Jerusalém) www.safrai.com
Capa	Dagui Design
Agradecimento	Louise Greenberg

Permitida a reprodução desta obra, mediante autorização
por escrito da Editora e Livraria Sêfer Ltda.

2010

ISBN 978-85-7931-012-6

Printed in Brazil



Introdução

O *Iom Kipur* é um dia muito importante durante o qual prestamos contas de nossa vida e refletimos a respeito do que nos aconteceu e do que planejamos fazer no ano seguinte. Quero dar minha contribuição e, para tanto, escrevi alguns pensamentos que, eventualmente, poderão provocar reflexões a quem vier a lê-los, porque cabe a cada um elaborar e definir suas próprias decisões. Ninguém pode fazer isso por nós.

Eu as escrevi na forma de cartas de um pai a seus filhos, os quais se tornaram pais recentemente. Entendi que assim poderia discutir as grandes decisões que moldarão o resto de nossas vidas bem como as dos que nos são próximos. São cartas fictícias, embora os assuntos nelas tratados sejam reais.

Nem todos casamos e fomos abençoados com filhos. No entanto, cada um de nós pode dar uma contribuição especial ao povo judeu por meio da maneira de viver e dos atos de bondade que praticamos. Aliás, segundo o exegeta Rashi, “os principais descendentes dos justos são as suas boas ações”, pois cada boa ação é como um filho.

Eis a mais importante lição de *Iom Kipur*: nunca é tarde demais para recomeçar e passar a viver de forma diferente daquela que vivíamos anteriormente. Deus perdoa cada erro cometido por nós desde que haja sinceridade em nosso arrependimento e nos esforcemos ao máximo para corrigi-los. Ainda que não exista nada do que nos arrepender, o *Iom Kipur* nos leva a pensar a respeito de como podemos nos conduzir no ano que está começando, de modo a que possa trazer bênçãos às vidas de outras pessoas por meio do nosso agradecimento a Deus por tudo que Ele nos tem dado.

Que seja vontade do Eterno nos abençoar a todos neste novo ano. Que Ele ouça e atenda a nossas preces. Que Ele nos perdoe e nos ajude a perdoar os outros. Que Ele conceda a nós, à nossa família e a todo o povo judeu por todo o mundo, um ano repleto de saúde, paz e vida plena.

Rabino-Chefe Lord Jonathan Sacks

Tishrê 5770

O legado mais importante

Queridos Sara e David,

Diante da proximidade de *Iom Kipur*, eu lhes escrevo esta carta porque nesta data colocamos as questões mais profundas a respeito das nossas vidas: “Quem somos? Como devemos viver? Qual novo capítulo vamos escrever no Livro da Vida?”

É também o momento de dizer aquilo que ficou por ser dito. O que de mais importante lhes queremos dizer, sua mãe e eu, é como vocês, nossos filhos, são queridos por nós. Vocês nos deram muito mais alegria do que jamais poderão supor. Suas vidas constituem o presente mais precioso que Deus nos deu.

Houve, talvez, momentos em que dissemos a vocês, ou que vocês nos disseram, coisas das quais depois nos arrependemos. Por favor, apaguem-nas de suas lembranças. Assim como Deus nos perdoa, devemos perdoar uns aos outros. A vida é curta demais para ser desperdiçada com raiva ou angústias. Vocês já estão casados e também se tornaram pais. Que seus filhos lhes proporcionem tanta alegria quanto a que vocês nos proporcionaram.

O que nos inspirou a escrever estas cartas foi o tradicional costume judaico de os pais escreverem para seus filhos *tsavaot*, “mensagens (ou testamentos) éticas”. Isto se baseia na ideia de que o legado mais importante que podemos deixar aos nossos filhos não é dinheiro ou propriedades, mas, sim, ideais espirituais.

Eu creio plenamente nesta afirmação. Deem aos seus filhos muito dinheiro ou bens materiais, e com isto vocês os estragarão. Crescerão infelizes e irrealizados e, ao final, eles não lhes serão gratos. Ao contrário, isso prejudicará a relação entre vocês. A tradição estava e está certa: as melhores coisas que qualquer um de nós pode legar a seus filhos são valores pelos quais a vida valha a pena ser vivida, ideais pelos quais aspiram, uma identidade que os faça saber quem são e uma herança

moral e religiosa que possa guiá-los através da violenta selva em que se transformou a era em que vivemos.

Os filhos crescem para ocupar o espaço que criamos para eles, e que se for suficientemente amplo caminharão pela vida de cabeça erguida. Ideais constituem algo verdadeiramente grande, enquanto posses materiais não o são. Ideais são as coisas que dão significado a uma vida. Pessoas podem invejar outras em razão do que elas têm, mas só admiram as outras pelo que elas são e pelos princípios de acordo com os quais vivem – e é bem melhor ser admirado do que invejado.

É a respeito disto que trata o *Iom Kipur*. O judaísmo coloca bem alto o nível moral a ser alcançado. É uma religião exigente e desafiante, mas sua grandeza está exatamente aí. Se tivéssemos de definir o que é ser judeu, eu diria que é ser um embaixador de Deus. Nunca nos foi solicitado que convertêssemos o mundo, mas, sim, que vivêssemos segundo padrões de justiça, compaixão, bondade e *tsedacá*. Somos o Povo do Livro, que coloca o estudo contínuo no ponto mais alto de nossos valores, demonstrando que a fé não é nem cega e nem tem a ignorância como base. Somos solicitados a viver a nossa fé todos os dias, por meio de cada ato segundo a maravilhosa coreografia a que chamamos de *Halachá*, a complexa beleza da Lei Judaica. O judaísmo é uma religião de elevados ideais, traduzida nos simples atos do dia-a-dia.

Foi isto que recebemos de nossos pais, o que tentamos transmitir a vocês e o que esperamos que transmitam aos seus filhos. Não roupas caras, festas chiques ou os mais modernos equipamentos eletrônicos, que são elementos de distração na vida, e não a vida em si. A vida é constituída por aquilo que é sua razão de viver.

Digo-lhes tudo isto nesta data sagrada, porque tenho visto muitas pessoas repetirem os mesmos erros. Quando seus casamentos fracassam ou ocorre uma ruptura no relacionamento com seus filhos é comum se perguntar: “O que fiz de errado? Afinal eu lhes dei tudo!” Isto parece ser verdade, mas não é. Eles lhes deram tudo, exceto o que realmente importa: seu tempo, sua atenção, respeito genuíno e valores eticamente exigentes e espiritualmente desafiantes.

Ideais elevados deverão trazer felicidade para vocês e para seus filhos.

O preço das coisas e o valor das coisas

Sara e David,

Estamos atravessando tempos difíceis. Colapso financeiro, recessão econômica e incertezas sem conta estão diante de nós. Muitas pessoas perderam suas economias, empregos e até mesmo seus lares. O que fazer em tempos como estes? A melhor resposta é de um político americano: “Nunca desperdice uma crise.” Você aprende mais enfrentando tempos difíceis do que navegando em dias tranquilos.

O ideograma chinês para “crise” também significa “oportunidade” e talvez seja por esta razão que os chineses mantêm até hoje a continuidade de sua história.

Para mim, somente o hebraico vai além deste conceito e a palavra para “crise” é *mashber*, que também significa “assento ou leito sobre o qual a mulher dá a luz”. Em hebraico, crises são mais do que oportunidades e representam “as dores do parto”. Alguma coisa nova está nascendo e isso explica porque os judeus sobreviveram a cada crise ao longo de quatro mil anos, emergindo cada vez mais fortes do que antes.

O colapso financeiro deveria nos ensinar que estávamos nos tornando obcecados pelo dinheiro: salários, prêmios, bônus, preços de casas e mais uma série de artigos de luxo dispendiosos e desnecessários. Quando o que mais importa é o dinheiro lembramos dos preços das coisas e esquecemos seus valores, e isto é um grave erro. O colapso financeiro ocorreu porque as pessoas pediam empréstimos para os quais não tinham cobertura e, com o dinheiro, compravam coisas de que não precisavam para alcançar uma felicidade que não duraria.

A sociedade de consumo tem como base o estímulo à demanda que gera gastos e produz crescimento econômico. Isto mexe de tal forma com os valores genuínos que eles chegam a ficar invertidos. A publicidade divulga tantos elogios que levam nossa mente a focar em coisas que não

temos, enquanto a felicidade (como relata o *Pirkê Avot*) consiste em nos contentar com o que temos.

Portanto, de certa forma a sociedade de consumo é um mecanismo que cria e distribui infelicidade. Eis porque uma era de abundância sem precedentes transformou-se em uma era de síndromes relacionadas a estresse e doenças depressivas como nunca houve. O que de mais importante cada um de nós pode aprender com a atual crise econômica é: pense menos no preço das coisas e mais no seu valor.

Segundo a Torá, houve um momento em que o povo começou a adorar o ouro. Fizeram um bezerro de ouro. No entanto, a leitura atenta da Torá revelará que imediatamente antes do episódio do bezerro de ouro, Moisés havia dado ao povo um mandamento – o mandamento do *Shabat*. Por que naquela ocasião?

É que o *Shabat* é o antídoto ao bezerro de ouro, porque é o dia em que paramos de pensar a respeito do preço das coisas para, em vez disso, focar no valor das coisas. No *Shabat* não podemos vender ou comprar. Não podemos trabalhar ou pagar a outros para que trabalhem por nós. Em vez disso passamos o dia com nossa família e com amigos em volta da mesa de *Shabat*. Na sinagoga, renovamos nosso contato com a comunidade. Escutamos a leitura da Torá lembrando da história de nosso povo. Rezamos agradecendo pelas bênçãos que o Eterno nos concedeu.

A família, os amigos, a comunidade, o sentimento de fazer parte de um povo e de sua história e, acima de tudo, agradecer a Deus, são coisas que têm imenso valor, mas não têm preço. Ou, para colocar de outra forma: um princípio fundamental de administração do tempo consiste em aprender a distinguir entre coisas que são importantes e coisas que são urgentes. Durante a semana tendemos a responder a pressões imediatas, ou seja, focamos no que é urgente, mas não necessariamente no que é importante.

O melhor antídoto inventado para isto é o *Shabat*. Nele celebramos as coisas que, embora importantes, não são urgentes: o amor entre marido e mulher e entre pais e filhos. Os laços de pertinência. A História da qual fazemos parte. A comunidade que apoiamos e que nos apoia, em tempos de alegria e de tristeza. Estes são os ingredientes da felicidade.

Os últimos pensamentos de qualquer pessoa antes de morrer nunca foram “Eu deveria ter passado mais tempo em meu escritório...”.

Tempos difíceis nos lembram o que os bons tempos tendem a nos fazer esquecer: de onde viemos, quem somos e por que estamos aqui. Eis porque tempos difíceis são a melhor época para plantar as sementes de uma felicidade futura.

Carta 3

Ser pais judeus

Sara e David,

Quero lhes falar a respeito de filhos. Deus abençoou vocês com filhos. Eles são a alegria de nossas e de vossas vidas. Deleitem-se com eles. Dediquem-lhes vosso tempo. Brinquem, joguem, estudem rezem e pratiquem *mitsvót* com eles. Não há nada melhor em que possam aplicar o tempo de vocês. O amor que lhes dedicarem enquanto eles são jovens permanecerá com eles por toda a vida. Assim como a luz do sol, isto os fará desabrochar e florir.

Ter filhos é muito mais do que receber um presente dos céus. É uma responsabilidade. Para nós, judeus, é a responsabilidade mais sagrada que pode haver. Disto depende o futuro do povo judeu. Nosso povo sobreviveu durante 4.000 anos porque, em cada geração, os judeus consideraram como mais alta prioridade a transmissão de sua fé aos filhos. Eles santificaram o casamento e consagraram o lar judaico. Construíram escolas e casas de estudo. Fizeram da educação o diálogo entre as gerações. “Estas palavras ensinarás repetidamente a teus filhos, falando-lhes quando estiveres sentado em tua casa ou quando estiveres no caminho, quando te deitares e quando te levantares.”

Eles consideravam o judaísmo da mesma forma que um aristocrata inglês encarava seu lar majestoso: você vive nele, mas não é realmente

seu dono. Ele foi entregue a você por teus antepassados e cabe a você entregá-lo às futuras gerações, intacto, preservado e, se possível, embelezado e enaltecido, coisa que fará com dedicação, pois sabe que esta é a tua herança. É o que faz tua família ser especial e diferente das demais. Se você a perder, vender ou permitir que ela se transforme em ruínas, terá praticado um ato de traição.

Isto é o essencial. Em média, atualmente, na Diáspora, de cada dois jovens judeus um decide não se casar com um parceiro judeu e não construir um lar judeu. Desta forma, não têm filhos judeus e não dão continuidade à História Judaica. Isto é uma grande tragédia.

Sua mãe e eu não dedicamos muito tempo contando a vocês histórias de nossa família. Mas a verdade é que virtualmente, hoje em dia, cada judeu vivo tem uma história mais extraordinária do que qualquer novela ou saga familiar. Ela conta como foram expulsos muitas vezes de um país para outro, perdendo tudo o que tinham construído e recomeçando de novo. Receberam ofertas mirabolantes e lhes foram prometidos toda sorte de agrados para que se convertessem. Mas disseram “não”. Sacrificaram tudo o que possuíam para que seus netos fossem judeus. E hoje, quando ser judeu praticamente não exige qualquer sacrifício, quando estamos mais livres para praticar nossa fé do que em quaisquer outros tempos, há judeus esquecendo o que significa ter netos judeus.

Então, como transmitir nossos valores a vossos filhos? Demonstrando quanto os amam. Moisés Alshech, um rabino do século XVI, em seu comentário acerca do *Shemá*, pergunta: “Como ensinamos estas palavras a nossos filhos? Como podemos ter certeza de que aprenderão?” E responde: “A resposta está nos dois versos anteriores desta oração: ‘E amarás o Eterno, teu Deus, com todo teu coração, com toda tua alma e com todo tua energia’.” Aquilo a que amamos assim eles também amarão.

Há muitas razões para as altas taxas de assimilação na vida judaica, mas uma delas é fundamental. Somos os herdeiros de várias gerações de judeus que eram ambivalentes sobre a forma de ser judeu. Não os julgo, nem vocês devem fazê-lo. Entre 1880 e 1930, viveram numa época de grande antissemitismo. Veio então o Holocausto. Quem naqueles dias poderia condenar alguém por dizer o que disse Heinrich Heine: “O judaísmo não é uma religião; é uma desgraça.”

Mas há muito tempo aqueles dias ficaram para trás. Um dos maiores presentes que podem dar aos seus filhos é deixá-los ver como vocês vivem com orgulho vossa identidade. Sua mãe e eu procuramos mostrar da melhor forma que pudemos que, para nós, o judaísmo é nossa herança, nossa mansão majestosa, o presente que recebemos dos que viveram antes de nós; a maior tentativa em toda a história de criar uma vida de justiça, compaixão e amor, como forma de trazer a Presença Divina dos céus à terra, de modo que ela ilumine nossas vidas com a tenra radiação da eternidade.

Não podemos viver a vida dos nossos filhos. Eles são livres. Farão suas próprias escolhas. Mas podemos mostrar o que amamos. Se vocês querem ter netos judeus, amem o judaísmo e o vivenciem com um sentimento de alegria e privilégio.

Carta 4

Educação judaica

Sara e David,

Matriculem seus filhos em escolas judaicas. Elas são o orgulho da nossa comunidade. São o melhor investimento para assegurar o futuro do judaísmo. Há uma geração muitas vezes eram consideradas como a segunda melhor opção. Era para onde se mandavam os filhos se não se conseguisse serem admitidos em outros lugares. Hoje, com toda razão são, para muitos, a primeira escolha.

Mas, elas são muito mais do que isto. Para os judeus, educação não se resume ao que sabemos, mas abrange principalmente saber quem você é. Nenhum povo se preocupou mais com a educação. Nossos antepassados foram os primeiros a tornar a educação um mandamento religioso e os primeiros a criar um sistema de educação universal compulsório – 18 séculos antes da Inglaterra. Os rabinos valorizavam o estudo como algo mais elevado, até mesmo que a oração. Há quase 2000 anos, Josefo escreveu: “Se a qualquer um do nosso povo se perguntar

a respeito de nossas leis, ele responderá imediatamente do mesmo modo como se lhe perguntasse o seu nome. Como resultado de dar uma educação integral de nossas leis desde os primórdios, elas de certa forma ficaram gravadas em nossas almas.”

Os egípcios construíram pirâmides, os gregos, templos, os romanos, anfiteatros, mas os judeus construíram escolas. Eles sabiam que para defender um país era necessário um exército, mas para defender uma civilização é necessário educação. Assim, os judeus se tornaram o povo cujos heróis eram professores, cujas fortalezas eram escolas e cuja paixão era o estudo e o desenvolvimento da mente. Como poderíamos privar nossos filhos desta herança?

Podem alguém se considerar educado se não conhecer Shakespeare, Mozart e Michelângelo, ou os princípios da física, da economia e da política? Podem vocês se considerar judeus educados sem ter pelo menos uma familiaridade básica com o *Tanach*, o Talmud, os comentaristas clássicos da Torá, a poesia de Iehudá Halevi, a filosofia de Maimônides e a história do povo judeu? Os judeus da Europa Oriental costumavam dizer: “Ser um *apícores* (herético) é algo compreensível, mas ser um *am haárets* (ignorante) é imperdoável.”

Meus filhos: espero que lhes tenhamos ensinado o bastante para saberem que o primeiro dever de pais judeus é o de garantir que seus filhos recebam uma educação judaica. Durante quase um século este sistema de valores estava em desordem, porque assim também estava a vida judaica. Os judeus tiveram de fugir da perseguição – primeiro, na Europa Oriental; depois, na Europa Ocidental e, então, nos países árabes. Estavam preocupados em reconstruir suas vidas e procurando assegurar que seus filhos se integrassem à sociedade maior. Nestes tempos, a educação judaica era coisa eventual. Mas agora, não. Embora os padrões ainda estejam muito baixos, começamos a recuperar nossa tradição.

O mundo se transforma cada vez mais rapidamente. Atualmente, há mais avanço tecnológico e científico em uma única geração do que em todos os séculos anteriores, desde que os seres humanos pisaram a terra pela primeira vez. Em territórios ainda não mapeados é necessário uma bússola. De certa forma, o judaísmo é isto. Ele guiou nossos antepassados ao longo de tempos bons e ruins. Deu-lhes identidade, segurança e

um senso de direção. Capacitou-os a sobreviver nas mais variadas circunstâncias e que nenhum outro povo jamais enfrentou. Elevou-os muitas vezes a alturas grandiosas. Por quê? Porque o judaísmo trata do saber. No decorrer de sua trajetória a educação tem mais força do que riqueza, poder ou privilégios. Aqueles que têm conhecimento crescem.

“Todos os teus filhos serão ensinados sobre o Eterno”, disse Isaías, “e perfeita será a paz entre eles.” Proporcione a seus filhos uma educação judaica extensa e profunda e, desta forma, lhes estará fornecendo a paz para saber quem e por que são.

Há apenas duas coisas mais poderosas do que isso. A primeira, é praticar em casa o que seus filhos aprenderem na escola. Crianças precisam de coerência e consistência pois, do contrário, se sentirão confusas e eventualmente rebeldes.

A segunda, permitam que seus filhos sejam seus mestres. À mesa do *Shabat* deixem-nos compartilhar com vocês aquilo que aprenderam na escola durante a semana. Vocês ficarão maravilhados com a autoestima que lhes proporcionarão ao permitir que deem algo a vocês.

Carta 5

Sobre ser judeu

Sara e David,

De vez em quando vocês devem se perguntar por que razão sua mãe e eu tomamos tantos cuidados em ser judeus. É uma pergunta válida e esta é minha honesta resposta: em algum momento do passado, os judeus foram tocados e transformados por uma verdade maior do que eles mesmos.

Eles foram os primeiros a perceber Deus como uma presença dentro e além do universo. Isto mudou tudo, pois se há um só Deus e cada ser humano foi feito à Sua imagem, isto significa que cada ser humano tem uma dignidade inegociável. Significa que a vida humana é sagrada

e que, em última análise, somos todos iguais. E, se o universo é o resultado da livre criação de um Deus livre, então nós, criados à Sua imagem, também somos livres. Daí provém o sistema a que chamamos de moralidade e tudo o que isso significa em termos de responsabilidade pessoal e coletiva.

Os judeus foram o primeiro povo a compreender o significado da responsabilidade e da liberdade humana; o primeiro a conceber uma sociedade na qual todos têm a mesma dignidade; o primeiro a compreender que a razão importa mais do que a força, e mais uma série de outros conceitos que, eventualmente, revolucionaram a civilização ocidental. O judaísmo inspirou duas outras religiões – o cristianismo e o islamismo – que, juntas, correspondem a mais da metade dos seis bilhões de pessoas que existem na Terra. Mesmo quando os judeus se rebelam contra o judaísmo, eles o fazem de uma forma que transforma o mundo: Spinoza, o fundador do liberalismo político; Karl Max, o revolucionário; Sigmund Freud, o doutor da alma. Creio que os três estavam profundamente errados, mas todos foram profundos.

O judaísmo é tão relevante hoje quanto sempre o foi. Os não-judeus admiram o judaísmo pela solidez das nossas famílias e comunidades, nosso compromisso com a educação, a excelência das nossas escolas e da ênfase que damos a *chessed* e *tsedacá*, isto é, a prática da gentileza e da generosidade. Escutam com atenção os pronunciamentos judaicos a respeito de questões médicas, sociais e a ética nos negócios. O judaísmo é respeitado por sua sabedoria e ideias. É íntegro sem ser fanático. Adere com força a seus princípios sem procurar impô-los aos outros. Tem humor e humanidade.

Sem dúvida alguma, o judaísmo é exigente. Há nele tantas leis e tantos detalhes que, às vezes, é possível perder a percepção de seu quadro geral. Isto pode ser comparado ao que aconteceu aos primeiros impressionistas franceses. No princípio, as pessoas só percebiam em seus quadros pinceladas soltas e confusas. Levou algum tempo até perceberem que Monet, Renoir, Pissarro e os demais reproduziam o jogo das luzes sobre as superfícies e criando uma maneira inteiramente nova de percepção. Até se perceber que é uma forma completamente nova de viver o judaísmo pode parecer um borrão cheio de leis e costumes. A Lei Judaica, a *Halachá*, é um processo que traduz nos atos mais simples os mais altos ideais.

Eis aí o paradoxo: há quem pense que mais pessoas manteriam o judaísmo se fosse um pouco mais fácil de cumprir e contivesse menos exigências. Para que 613 mandamentos? Não seria melhor tornar o ser judeu alguma coisa mais simples?

Analisemos esta proposição. Pense nas três festas – *Pêssach*, *Shavuót* e *Sucót*. Em média qual delas tem o maior número de cumpridores de seus preceitos? Mais pessoas cumprem *Pêssach* do que *Sucót*, e mais pessoas cumprem *Sucót* do que *Shavuót*. É assim em qualquer lugar onde existam judeus.

Agora verifique qual dessas festas é mais exigente. Sem dúvida *Pêssach* é a mais difícil de cumprir pois envolve limpar completamente a casa, “casherizar” a cozinha, usar utensílios especiais e muito mais coisas. Em segundo lugar está *Sucót*. É preciso comprar um *lulav* e um *etrog*. É preciso construir uma *sucá*. A mais fácil de todas é *Shavuót*, que não exige nenhuma *mitsvá* especial, a não ser a de ficar acordado até tarde na primeira noite para o *ticun*. Em resumo, quanto mais difícil é o cumprimento da festa, mais pessoas a observam.

Pense agora no dia mais difícil de todos, no qual não se come, não se bebe, não há alegria nem celebração, no qual se passa o dia inteiro na sinagoga, refletindo acerca de todos os erros que foram praticados. Portanto, a fórmula perfeita para que ninguém o pratique.

Mas ocorre exatamente o contrário. O *Iom Kipur* é o dia no qual mais judeus acorrem à sinagoga.

Por mais estranho que pareça, *valorizamos mais as coisas que acarretam mais exigências*. Isto é verdadeiro quanto ao estudo, ao trabalho, a um esporte e também no que se refere a assuntos do espírito. Não costumamos valorizar as coisas fáceis. Tem mais significado o que nos obriga a fazer mais sacrifícios para conseguir. Se o judaísmo fosse alguma coisa mais fácil, há muito já teria desaparecido.

Nunca duvide de que ser judeu é um privilégio. Embora sempre pequeno em número, nosso povo fez mais para transformar o mundo do que qualquer outro. Há formas mais fáceis de viver, mas nenhuma tão desafiante. Deus pede grandes atos ao nosso povo. É por isto que ele é tão grande.

A sabedoria judaica

Queridos Sara e David,

Sabedoria é grátis, mas é também a coisa mais cara que existe, porque, na maioria das vezes, nós a adquirimos por meio de nossas falhas, desapontamentos e mesmo dores. É esta a razão pela qual tentamos partilhar nossa sabedoria, de modo a que outras pessoas não paguem por ela o preço que nós já pagamos.

Eis algumas coisas que o judaísmo me ensinou a respeito da vida e que desejo compartilhar:

- ❖ Nunca tente ser esperto. Procure sempre ser sábio.
- ❖ Respeite os outros mesmo que sejam desrespeitosos com você.
- ❖ Nunca busque publicidade para o que você faz. Se você a merece, a receberá. Do contrário, você será criticado. De toda forma, atos meritórios nunca precisam despertar para si a atenção de quem quer que seja.
- ❖ Quando você faz o bem aos outros, na realidade, serão beneficiados você, sua consciência e seu autorespeito. A maior recompensa em dar alguma coisa é a oportunidade de fazê-lo.
- ❖ Não busque atalhos no que você fizer. Não há êxito sem esforço, nem realizações sem um trabalho árduo.
- ❖ Mantenha-se distante dos que buscam honrarias. Seja respeitoso, mas lembre que a nenhum de nós cabe a função de ser um espelho para aqueles que, acima de tudo, amam a si mesmos.
- ❖ Em tudo o que fizer, tenha em mente que Deus vê tudo o que fazemos. Não existe a possibilidade de enganar ao Eterno. Quando tentamos enganar a outros, geralmente somos nós mesmos os únicos que se deixam enganar.
- ❖ Seja muito ponderado ao julgar o outro. Se ele estiver errado, Deus o julgará. Se errarmos no julgamento é a nós que Ele irá julgar.

- ❖ Mais valioso que o amor que recebemos é aquele que damos.
- ❖ Dizia-se de um famoso líder religioso, que ele levava Deus tão a sério, que nunca sentiu necessidade de se levar a sério. Eis um objetivo que vale a pena buscar alcançar.
- ❖ Saiba usar bem o seu tempo. A vida é curta – muito curta! – para ser desperdiçada com televisão, jogos de computador e e-mails desnecessários; curta demais para ser esbanjada com mexericos e inveja daquilo que os outros possuem; curta demais para ser preenchida com sentimentos de raiva e indignação e curta demais para perder tempo criticando os outros. “Ensina-nos a usar os nossos dias a fim de conseguir um coração sábio”, diz o Salmo. Cada dia em que você fez alguma coisa boa para alguém não foi um dia desperdiçado.
- ❖ Haverá muita coisa em sua vida que poderá lhe trazer mágoas. As pessoas podem, às vezes, ser indiferentes, cruéis, grosseiras, ofensivas, arrogantes, ásperas, destrutivas, insensíveis e rudes. Isto é um problema delas, não seu. Seu problema é como lhes responder. Certa dama disse uma vez: “Ninguém pode fazê-lo sentir-se inferior sem a sua permissão.” O mesmo se aplica às outras emoções negativas. Não reaja. Não responda. Não sinta raiva ou, se a sentir, espere ela passar e então continue a sua vida. Não conceda aos outros uma vitória sobre seu estado emocional. Perdoe ou, se não conseguir perdoar, esqueça.
- ❖ Se você tentou e falhou, não se sinta mal. Deus perdoa as nossas falhas, desde que as reconheçamos como falhas – e isto nos poupa da autodecepção de tentar enxergá-las como sucessos. Nenhuma pessoa mereceu alcançar sucesso sem algumas falhas no caminho. O grande poeta escreveu também maus poemas; os grandes pintores fizeram quadros destoantes; nem todas as sinfonias de Mozart são obras-primas. Se lhe falta a coragem para falhar, certamente lhe falta a coragem para alcançar o sucesso.
- ❖ Busque sempre a amizade daqueles que são fortes naquilo que você é fraco. Nenhum de nós possui todas as virtudes. Até mesmo Moisés precisava de Aarão. O trabalho de um time, uma parceria,

a colaboração com outros que possuem dons ou pontos de vista diferentes dos nossos produz sempre um resultado melhor do que o que pode se conseguir trabalhando sozinho.

- ❖ Se você quer escutar a voz de Deus, crie momentos de silêncio em sua alma.
- ❖ Se algo está errado, não busque um culpado. Procure saber como pode ajudar a consertar o erro.
- ❖ Lembre-se sempre de que é você quem cria a atmosfera à sua volta. Se você quer que os outros sorriam, sorria você primeiro. Se você quer que os outros sejam generosos, seja você o primeiro. Se quiser que os outros o respeitem, saiba respeitar os outros. A maneira como o mundo nos trata é um reflexo da maneira com que o tratamos.
- ❖ Seja paciente. Às vezes o mundo é mais lento que você. Espere que ele te alcance, porque se você estiver do lado certo, eventualmente ele te alcançará.
- ❖ Nunca mantenha seu ouvido tão próximo da terra que você não consiga escutar o que uma pessoa honesta tenha a dizer.
- ❖ Nunca se preocupe quando outras pessoas disserem que você está sendo idealista demais. Só idealistas conseguem transformar o mundo. E você vai querer viver sua vida sem contribuir para o mundo se tornar melhor?
- ❖ Seja correto e honesto e faça sempre o que você disse que ia fazer. Não há realmente outra forma de viver.

Carta 7

Viver de modo judaico

Em minha última carta tratei de algumas das coisas da vida que aprendi do judaísmo. Nesta, quero compartilhar algumas das coisas que aprendi na vida sobre o judaísmo.

- ❖ Nunca se sinta envergonhado por ser judeu. Nosso povo sobreviveu por tanto tempo e contribuiu de tal forma para o progresso e bem-estar da humanidade, que você deve encarar o fato de ser judeu como uma honra e responsabilidade.
- ❖ Há aqueles que só querem enxergar o judaísmo olhando para baixo – e eles sempre fizeram assim. Portanto, ande sempre apumado e ereto, de modo que para ver sua face eles tenham de olhar para cima.
- ❖ Nunca comprometa seus princípios por causa dos outros. Nunca faça isso com relação à *cashrut* ou qualquer outra prática judaica pelo fato de estar entre não-judeus ou perante judeus não religiosos. *Os não-judeus respeitam os judeus que respeitam o judaísmo. Eles ficam envergonhados perante judeus que se envergonham do judaísmo.*
- ❖ Nunca olhe os outros de cima para baixo. Jamais chegue a pensar que ser judeu significar olhar os gentios desta forma. E nem admita que, por ser um judeu religioso, você tem o direito de olhar com desprezo os judeus não religiosos. Você não deve pensar assim. O maior de todos os judeus, Moisés, era também, segundo a Torá, “a pessoa mais humilde sobre a face da terra”. Humildade não significa auto rebaixamento. A verdadeira humildade é a habilidade de ver o que há de bom nas outras pessoas sem se preocupar consigo mesmo.
- ❖ Nunca deixe de estudar. Certa vez, conheci a uma senhora de 103 anos que sempre parecia rejuvenescida. Perguntei qual era seu segredo, e ela respondeu: “Nunca receie aprender alguma coisa nova.” Compreendi então que estudar é o verdadeiro teste para reconhecer qual é a nossa idade. Se você continua desejando estudar, você pode ter 103 anos e ainda assim ser jovem; do contrário, pode ser velho mesmo tendo somente 23 anos.
- ❖ Jamais confunda integridade com “julgar-se íntegro”. Parecem coisas similares, mas na realidade são contrárias. O íntegro enxerga o bem que há nas pessoas; aquele se julga íntegro vê somente o mal. O íntegro faz você se sentir maior; o outro, menor. O íntegro louva; aquele que se julga íntegro critica. O íntegro é generoso; aquele se julga íntegro é malévolo e reticente. Uma vez sabendo a diferença, mantenha se distante daquele que se julga um exemplo de integridade e lembre-

se que tipos assim podem ser da direita ou da esquerda, religiosos e seculares. Conquiste o respeito das pessoas que você respeita e ignore as demais.

- ❖ Quando você praticar uma *mitsvá*, pare e pense atentamente a respeito dela. Cada *mitsvá* vem para lhe ensinar alguma coisa e é importante fazer uma pausa e refletir: por quê? O judaísmo negligente não é bom para a alma.
- ❖ Quando você rezar, reflita cuidadosamente acerca do significado das palavras. Lembre-se também que, ao rezar, fazemos parte de um coral sinfônico de quatro mil anos, formado pelas vozes de todos os judeus de todas as nações, que durante os séculos pronunciaram estas palavras. Alguns as pronunciaram envoltos em sofrimento; outros, enfrentando exílio e expulsões, alguns até mesmo em campos de concentração. São palavras santificadas por lágrimas, mas agora as estamos pronunciando em plena liberdade. As preces dos nossos ancestrais chegaram íntegras até nós. Por isto, elas os honram assim como honram a Deus, pois sem elas hoje em dia não seríamos mais judeus, e se não nos tivessem transmitido sua tradição suas esperanças teriam sido em vão.
- ❖ Não se preocupe se você não pode acompanhar o ritmo da congregação. Uma palavra que vem do fundo do coração é mais significativa do que uma centena delas dita sem compreensão e atenção.
- ❖ Esteja sempre disposto a compartilhar seu judaísmo. No *Shabat* e festas judaicas convide pessoas à sua casa. Uma vez por semana, estude com pessoas que sabem menos do que você. A diferença entre os bens materiais e espirituais é a seguinte: quanto mais você compartilha as coisas materiais – como riqueza e poder –, menos sobra para você. Com as espirituais é o contrário: quanto mais você compartilha seus conhecimentos, sua amizade e suas celebrações, mais você passa a ter.
- ❖ Nunca se impaciente com os detalhes da vida judaica. *Deus vive nestes detalhes*. O judaísmo é uma poesia das coisas comuns, as coisas que de outra forma nos pareceriam de pouco valor. A Lei Judaica é a coreografia da vida diária.

- ❖ Deus vive no espaço que lhe abrimos. Cada *mitsvá* que praticamos, cada oração que pronunciamos, cada ato de aprendizagem do que incorporamos é uma das formas de abrir espaço para Ele.

Carta 8

Fé

Sara e David,

Vivemos em tempos difíceis, tempos de risco e perigo, de recessão e incertezas. Não pensem que estou sendo ingênuo se disser que em tempos assim precisamos ter fé. Não falo de uma fé cega, otimista e ingênua, mas de um tipo de fé que afirme que não estamos impotentes e que não estamos sós.

O povo judeu existe há mais tempo do que qualquer outro. Tivemos nossa parcela de sofrimentos. E, no entanto, aqui estamos nós, ainda jovens, ainda cheios de energia, ainda capazes de nos regozijar, celebrar e cantar. Os judeus trilharam pelo vale das sombras da morte durante mais tempo que qualquer outro povo e, no entanto, não perderam nem seu senso de humor nem suas esperanças.

Fé não é a certeza; fé é a coragem de viver mesmo frente à incerteza. Fé não significa enxergar o mundo como gostaríamos que ele fosse; fé significa enxergá-lo exatamente como ele é sem jamais desistir da esperança de que podemos fazê-lo melhorar por meio da nossa forma de viver – por meio de atos de *chen* e *chessed*, delicadeza e benevolência, com espírito de generosidade e remissão.

No judaísmo, fé não significa acreditar na realização de um punhado de coisas impossíveis de uma hora para outra. Não há outra fé que respeite mais a inteligência humana do que o judaísmo. Os judeus afirmam: nada é considerado por nós como uma coisa garantida. Dizemos “O Eterno é meu pastor” embora nenhum judeu se considere uma ovelha. Fomos ordenados a ensinar aos nossos filhos a questionar e fazer perguntas. Somos uma religião de questionamentos. Então o que é fé?

Fé é a certeza de que estamos aqui por alguma razão e que, ao longo da nossa jornada pela vida, Deus está conosco, erguendo-nos quando caímos, perdoando-nos quando falhamos e acreditando em nós mais do que nós mesmos acreditamos. Isto não é apenas um pensamento positivo. É um fato. Mas não um fato simples.

Assim como temos de treinar para ouvir as grandes sinfonias ou apreciar as grandes obras de arte, devemos treinar para conseguir sentir a presença de Deus em nossas vidas. Este treinamento se apresenta a nós de duas formas: uma é a Torá e a outra são as *mitsvót*. Por meio da Torá aprendemos o que Ele nos ordena. Por meio das *mitsvót* praticamos como cumprir Sua vontade. É desta forma que nos abrimos para Deus. A fé nos permite aceitar riscos e enfrentar o futuro sem temor.

Às vezes pensamos que assuntos do espírito não são substanciais se comparados às lutas no mundo real. Mas, pense no seguinte: um colapso financeiro ocorre por causa da perda de confiança numa instituição. Bancos deixam de emprestar quando perdem a confiança na capacidade de o cliente devolver capital levantado. Ora, confiança é uma coisa espiritual, e não algo concreto! Entretanto, o mercado depende dela. A palavra “crédito” vem do latim – “credo” – que significa *ani maamin*, “eu acredito”.

Após uma grande crise ocorrida no passado, Franklin D. Roosevelt pronunciou uma frase famosa: “A única coisa que devemos reear é o próprio medo.” A fé derrota o medo e nos dá confiança para sobreviver às perdas e recomeçar. Não pense que fé é algo insignificante. Absolutamente não é. Seja o que você venha a fazer no próximo ano, pratique sua fé e a renove diariamente. O povo judeu manteve viva sua fé. A fé manteve vivo o povo judeu.

Então, o que você faria se – Deus não permita! – você se encontrasse no meio de uma crise? Suponha que você perdeu seu emprego. Não recebeu a promoção com que contava. Viu-se diante de uma condição de saúde que exige mudanças significativas no seu estilo de vida. Fez uma escolha errada num investimento que lhe provocou serio prejuízo. Um seu importante relacionamento atravessa uma situação de estresse. Muitos entre os milhares de incidentes que ocorrem frequentemente podem te mergulhar, sem aviso prévio, numa crise. Como você poderia sobreviver ao trauma e à dor?

Há uma passagem bíblica de grande ajuda. É a famosa e enigmática História contada em Gênesis 32, segundo a qual, durante a noite, Jacob luta com um adversário desconhecido: “Jacob foi deixado só e um homem lutou com ele até o raiar do dia.” Foi esta passagem que deu ao povo judeu seu nome Israel, significando “Aquele que luta com Deus e com o homem e prevalece”. A frase-chave é a seguinte, quando Jacob diz ao estranho: “Não te deixarei partir até que me abençoes.” Dentro de cada crise existe a possibilidade de uma bênção. Acontecimentos extremamente dolorosos são aqueles que mais nos fazem crescer – mas isso perceberemos somente em retrospecto.

Uma crise nos força a tomar decisões difíceis, porém necessárias. Ela nos faz perguntar “Quem sou e o que é realmente importante para mim?”. Ela nos faz mergulhar da superfície às profundezas, onde descobrimos forças que não sabíamos possuir e uma clareza de propósitos que nos faltava até então. Então você deve dizer a cada crise: “Não te deixarei partir até que me abençoes.”

A luta não é fácil. Embora Jacob não tivesse sido derrotado, ele ficou “manco”. Batalhas deixam cicatrizes. Mas Deus está conosco mesmo quando Ele parece estar contra nós. Porque se nos recusamos a deixá-Lo, Ele Se recusa a nos deixar, nos dando força para sobreviver e emergir da luta mais fortes, mais sábios e abençoados.

Eis a pergunta mais antiga na religião: “Por que coisas ruins acontecem às pessoas boas?” Há, no entanto, duas maneiras de formular essa pergunta. A primeira é: “Por que Deus fez isto comigo?” Nunca formule esta pergunta porque nunca saberemos a resposta. Deus cuida de nós, mas ele cuida também de cada um e de todas as coisas. Nós pensamos no agora, mas ele pensa na eternidade. Nunca poderemos ver o universo do ponto de vista Dele. Portanto, nunca encontraremos resposta para o “Por que eu?”.

Há, todavia, outra maneira de fazer essa pergunta: “Desde que isto aconteceu, o que Deus deseja que eu aprenda com isto? Como Ele está me desafiando para crescer? Como Ele espera que eu reaja?” Formular esta pergunta significa que vamos olhar para frente e não para trás. “Por que Ele fez isto?” é a pergunta errada. A certa é: “Como viverei minha vida de agora em diante – certamente de uma forma diferente –, pois, afinal, isto aconteceu?”

Esta é a forma de lidar com uma crise. Batalhe com ela. Não a deixe partir sem que ela lhe conceda uma bênção, até que você se reerga dela mais forte, mais sábio e melhor do que antes dela. *Ser judeu significa não aceitar uma derrota.* Este é o significado da fé.

Carta 9

Uma prece à vida

Sara e David,

Iom Kipur é o dia no qual prestamos contas a respeito de nossa vida, lembrando o quanto ela é curta e, por isso, como é importante ela ser bem vivida. Como diz o Salmo: “Ensina-nos a usar os nossos dias a fim de conseguir um coração sábio.”

Aquilo que sabemos que pode ser perdido, aprendemos a cuidar com mais zelo. É por isto que nos primórdios de sua história os judeus sofreram sob a escravidão, para que depois valorizassem a liberdade e lutassem por ela. Por isto, também, Abraão precisou chegar quase ao ponto de perder seu filho, para que os judeus amassem e cuidassem de seus filhos. Essas lições foram tão profundamente incutidas em nossa consciência coletiva, que permaneceram conosco por milhares de anos.

Não por acaso no dia mais sagrado do ano judaico *pensamos na possibilidade da morte, de modo a que no resto do ano amemos a vida.* Os judeus são o povo que, mais do que qualquer outro, vê Deus na vida – nessa vida aqui na terra.

Outras religiões não agem desta forma. Elas consideraram que Deus só será encontrado na vida após a morte, num retiro monástico ou num êxtase místico. Para elas, o sagrado está em algum outro lugar, mas não na vida. Para nós o sagrado está no “aqui e agora”. O brinde que fazemos ao beber um cálice de vinho é *le-chayim* – “à vida”! A grande determinação de Moisés na Torá foi *uvacharta bachayim* – “escolha a vida”. De *Rosh Hashaná* até *Iom Kipur* rezamos: “Lembra-te de nós para

a vida, ó Rei que Te comprazes com a vida, e inscreve-nos no Livro da Vida, para Tua maior glória, ó Deus da vida.”

Para encontrar Deus você não precisa galgar montanhas, atravessar os oceanos ou viajar para o país das fábulas. Ele está presente no ar que respiramos, nos atos que praticamos, nas preces que pronunciamos, no amor que concedemos. Deus, maior que o universo, está mais perto de nós do que estamos de nós mesmos. Nossa primeira prece a cada manhã é *Modê ani* – “Eu Te agradeço, ó vivo e eterno Rei que com bondade restauraste em mim minha alma.” Eu Te agradeço, ó Deus, por me devolver a minha vida.

Tudo no judaísmo nos leva a ter consciência de que *a vida não é algo que temos assegurado*, que merecemos de qualquer maneira. Essa consciência é adquirida por meio dos agradecimentos que constam em nossas preces, das bênçãos que pronunciamos sobre cada acontecimento prazeroso, da maneira pela qual a *cashrut* torna a alimentação um ato sagrado ou pelas leis de pureza familiar que santificam o amor. O *Shabat* interrompe a corrida pela vida, pois habitualmente o fazemos com tanta rapidez que nem temos condições de apreciá-la.

A crise financeira nos devia ensinar alguma coisa. Podemos investir no mercado de ações, mas o mercado pode desabar. Podemos investir numa casa, mas seu preço pode cair. Podemos trilhar caminhos seculares, mas eles podem nos enganar e decepcionar, e nos deixando a fazer as contas do esforço perdido. O melhor investimento é uma vida bem vivida, uma vida de significado, princípios e objetivos, se possível, estruturada sobre um casamento feliz, uma família calorosa e envolvente e uma comunidade fortemente solidária.

O judaísmo nos ajuda a conseguir tudo isto. Santifica nossas famílias e lares. Fornece valores a serem partilhados com nossos filhos. Foi o mais testado caminho de vida do que qualquer outro. Como fonte de sabedoria é insuperável em amplitude e profundidade. O judaísmo nos proporciona raízes para nos mantermos ancorados e asas que nos ajudam a alçar voos. As *mitsvot* nos treinam a ter um coração de hábitos saudáveis. As preces fornecem energia renovável para a alma, e a fé é nosso sistema de navegação por satélite. Cada oração que pronunciamos é uma forma de dizer sim à vida. O Eterno é o Deus da vida e o judaísmo é a religião da vida.

Através da História, o pêndulo tem oscilado entre dois tipos de sociedade: culturas puritanas, que desconfiam e têm receio do prazer, e culturas hedonistas, que veneram o prazer. Nós fazemos algo melhor do que elas: *santificamos* o prazer e dedicamos nossos impulsos físicos a Deus. Há diferentes crenças no mundo, mas nenhuma delas conseguiu fazer com que um povo tão pequeno encontrasse alegria tão profunda na vida por tanto tempo.

É verdade que a vida pode ser dura e cheia de possibilidades de perdas, dores, decepções e tristeza. Mas a solução não é simplesmente evitar correr riscos e, sim, cultivar coisas que nos possam dar forças: o amor da família e dos amigos, o apoio da comunidade, o hábito de pronunciar orações que permitam nos apoiarmos em Deus e manter a fé de que Ele tem fé em nós, que perdoa nossos erros e nos dá forças para recomeçar de novo, após cada falha.

O judaísmo foi a primeira religião na História a colocar o amor no centro da vida espiritual: “E amarás o Eterno, teu Deus, com todo teu coração, com toda tua alma e com todo tua energia.” Ame o teu próximo. Ame o estrangeiro. A maior canção de amor em toda a literatura religiosa é o *Shir Hashirim*, o Cântico dos Cânticos.

E o que nós mais amamos – porque é onde se pode encontrar Deus – é a própria vida. Esta é a nossa maior força. Ela permitiu a nossos antepassados sobreviver a cada perseguição. Ela ajudou os sobreviventes do Holocausto a sobreviver. Deu ao povo judeu a coragem de reconstruir a Terra e o Estado de Israel. É por isto que nossa prece mais importante neste Dia dos Dias é: “Inscribe-nos no Livro da Vida.” Não pedimos riquezas ou fama, estrelato ou sucesso. Não rezamos para sermos poupados de provações e tribulações. Nós apenas pedimos vida.

O judaísmo é isto: uma vida de amor e o amor à vida. Tudo o mais é comentário.

Em busca da felicidade

Sara e David,

No ano que está por começar nem tudo estará sob nosso controle. Isto nunca acontece. “Em *Rosh Hashaná* é escrito e em *Iom Kipur* é confirmado...” O livro está sendo escrito agora, mas não nos é possível lê-lo com antecedência. Mesmo no século XXI, quando o homem decodificou o genoma e fotografou o nascimento das galáxias, há algo que nem mesmo o mais ilustre cientista, ganhador de um Prêmio Nobel, consegue saber: o que nos trará o amanhã. Vivemos com incertezas. Isto faz parte da condição humana e sempre fará.

Mas, o que realmente importa estará sob nosso controle. Como agiremos e como reagiremos? Faremos sacrifícios pela consecução de nossos ideais? Viveremos para algo maior do que apenas nós mesmos? Saberemos honrar, louvar, respeitar e admirar? Daremos abrigo aos solitários, conforto ao enlutado e apoio a quem enfrenta necessidades? Dedicaremos tempo à nossa família? Concederemos à nossa alma espaço para respirar? Amaremos e agradeceremos a Deus? Agiremos para melhorar a vida de outras pessoas?

Estas são perguntas que devemos nos fazer no *Iom Kipur*. Porque nossa felicidade não depende do que nos acontecerá. Ela dependerá de como responderemos ao que nos acontecer. Portanto, nesta minha última carta antes do *Iom Kipur*, permitam compartilhar com vocês dez segredos que aprendi do judaísmo. Eles lhes proporcionarão felicidade – seja o que for que o destino lhes reserve no próximo ano.

1 – *Saibam agradecer*. Uma vez por dia, no início das orações da manhã, agradeçam a Deus por tudo que Ele lhes tem proporcionado. Só isto já será suficiente para os trazer a meio caminho para a felicidade. Nós possuímos a maior parte dos ingredientes para uma vida feliz, mas geralmente consideramos isto uma coisa corriqueira e nos concentramos nos desejos ainda insatisfeitos. Agradecer durante a prece foca nossa

atenção no que temos de bom e nos proporciona um melhor senso de proporção a respeito do resto. Isto é melhor do que fazer compras e também custa menos.

2 – *Saibam louvar*. Prestem atenção em alguém que está fazendo alguma coisa certa e o elogiem. Muitas pessoas, quase sempre, não são apreciadas. Ser reconhecido, agradecido e receber congratulações de alguém é uma das coisas mais reconfortantes que pode nos acontecer. Portanto, não esperem que alguém o faça a você; façam isto para alguém. Com isto vocês tornarão melhor o dia dessa pessoa e isto os ajudará a tornar melhor o de vocês. *Alenu leshabeach* significa “Cumpremos louvar”.

3 – *Dediquem algum tempo às famílias de vocês*. Respeitem o *Shabat*, pois assim vocês terão – pelo menos uma vez por semana – um tempo em que poderão se sentar e fazer uma refeição tranquila – sem a interferência de televisão, telefone e e-mail –, e vocês poderão simplesmente curtir estar junto de pessoas que vocês consideram, conversando e celebrando a companhia uma da outra. Casamentos e famílias felizes necessitam que se dedique tempo a elas.

4 – *Saibam descobrir significados*. De vez em quando, separem um tempo para fazer a si mesmos as perguntas do *Iom Kipur*: “Por que estou aqui? O que espero alcançar? Qual a melhor forma de empregar meus talentos? O que eu gostaria que dissessem a meu respeito depois que eu não estiver mais aqui?” Buscar um significado é essencial para preencher uma vida – e como encontrá-lo se nunca o procurarem? Se vocês não souberem aonde querem estar, vocês nunca chegarão lá – por mais rápido que corram.

5 – *Vivam de forma coerente com seus valores*. A maior parte de nós acredita em ideais, mas raramente atua de acordo com eles. O melhor a fazer é estabelecer hábitos que nos façam agir diariamente segundo estes ideais. As *mitsvot* (mandamentos) são um meio de exercer esta prática – elas são ideais em ação, reensaiadas constantemente.

6 – *Saibam perdoar*. Esta atitude é o equivalente emocional a perder excesso de peso. A vida é por demais curta para nela carregarmos

ressentimentos e procurar vinganças. Perdoar alguém é bom para ele, mas é melhor ainda para você. O mal já ocorreu. Não se tornará menor por você viver pensando nele. Que se vá. Siga em frente.

7 – *Continuem a crescer.* Não se imobilizem, especialmente na vida espiritual. A maneira judaica de transformar o mundo é começar por você mesmo. Anne Frank escreveu: “Como é maravilhoso o fato de ninguém precisar esperar um instante sequer antes de começar a melhorar o mundo.”

8 – *Aprendam a escutar.* Muitas vezes, numa conversa, passamos metade do tempo pensando o que dizer no próximo instante em vez de prestar atenção no que a outra pessoa está dizendo. Escutar uma pessoa é um dos maiores presentes que se pode dar a ela. Isto significa que estamos abertos ao que diz, que a consideramos seriamente e que aceitamos graciosamente a dádiva de suas palavras. A palavra chave no judaísmo é *Shemá*, que significa simplesmente “Escute”.

9 – *Criem momentos de silêncio para sua alma.* Libertem-se, ainda que apenas por cinco minutos a cada dia, da tirania das tecnologias, do celular, do laptop e de todos os outros invasores eletrônicos. Lembrem-se que Deus está em cada partícula de ar que inalamos. Aspirem o ar da existência e sintam a alegria de ser.

10 – *Transformem o sofrimento.* Quando lhes acontecerem coisas ruins, usem-nas para se sensibilizar com a dor dos outros. As pessoas que sobreviveram a tragédias e se tornaram mais fortes não se perguntaram “O que isto me fez?”, mas, sim, “O que isto me permite fazer, que anteriormente eu não poderia ter feito?” Eles não amaldiçoaram a escuridão; em vez disto, acenderam uma vela. Elas se recusaram a ser vítimas das circunstâncias. Em vez disto, tornaram-se agentes da esperança.

A vida é por demais repleta de bênçãos para desperdiçar tempo e atenção com substitutos artificiais. Viver, doar, perdoar, celebrar e louvar – estas ainda são as melhores formas de fazer uma prece à vida, transformando assim a vida numa bênção.

Sara e David, nossos filhos queridos, vocês jamais saberão quantas bênçãos vocês trouxeram para sua mãe e para mim. O melhor que podemos dar a vocês é rezar a Deus para que Ele os ajude a ser uma bênção para os outros. Sejam o que de melhor você puderem ser; sejam embaixadores do judaísmo e do povo judeu e usem cada dia para fazer algo que lhes exija muito e nunca tenham medo de aprender e crescer.

Nós amamos vocês. Que Deus os inscreva, junto com seus filhos, no Livro da Vida.

* *

*

Mensagem

O rabino Jonathan Sacks tem sido, desde a década de 1990, uma das principais vozes do judaísmo mundial.

Lord Sacks, que recebeu este título das mãos da rainha da Inglaterra, é formado em filosofia pela Universidade de Cambridge, com mestrado na Universidade de Oxford e um doutorado do King's College de Londres. Por três décadas, exerceu uma liderança impactante como rabino-chefe do Reino Unido, ultrapassando os limites geográficos do país e levando sua mensagem para milhões de pessoas, em várias regiões do mundo.

Sacks obteve sua ordenação rabínica pela London School of Jewish Studies (Ieshivá Etz Chaim), no ano de 1981. Quando se tornou rabino-chefe, em 1991, inaugurou a chamada “Década da Renovação Judaica”, um projeto que visava aprimorar diversos aspectos da prática judaica, incluindo educação e desenvolvimento comunitário.

Autor de vários livros e, mais recentemente, de um sítio eletrônico e presença nas redes sociais, denominada “Covenant & Conversation”, reúne a capacidade de expressar suas reflexões filosóficas e convicções religiosas com uma linguagem ao mesmo tempo clara, instigante e serena.

Em uma de suas obras, defende a importância de apreciar as diferenças entre as religiões e facilitar que as pessoas encontrem Deus em suas diferentes manifestações, evitando choques.

Acredita que a mensagem do judaísmo não é restrita ao povo judeu e que, de certa forma, ao expressarmos ao mundo nossa tradição, apropriamo-nos de nossa história e rituais, fortalecendo nossa identidade – individual e coletiva.

Para muitos, não se trata apenas de um líder do povo judeu, mas de muitos povos. Sua mensagem foi amplamente transmitida em participações em programas de rádio e TV, no Reino Unido, e em palestras proferidas em universidades.

A Conib apoiou em 2012 a iniciativa da publicação de dois livretos, destacando a essência do pensamento de Sacks. A repercussão foi impactante. Para alguns, foi o primeiro contato com a mensagem do rabino; para outros, representou a possibilidade de refletir sobre suas interpretações de trechos da Torá e do Talmud.

Com a reedição das obras, dessa vez em versão eletrônica, esperamos que outras pessoas possam ser tocadas por suas palavras, e que sua mensagem traga novas explicações e significados. Um bom livro pode transformar pessoas, comunidades, cidades e até países.

Um das metas que Sacks atribui a si próprio é a de incentivar o desenvolvimento comunitário, com mais conteúdo, com mais judaísmo, tarefa também perseguida pela Conib como parte de sua missão: reforçar o sentido comunitário e a identidade brasileira e judaica.

Aproveitamos a proximidade das grandes festas e a proximidade das celebrações dos 70 anos do Estado de Israel – e da Conib – para desejar a todos *Shaná Tová Umetuká!*

Fernando Lottenberg

Presidente da Confederação Israelita do Brasil

Ehul 5777



Posfácio à Edição Brasileira

O rabino Jonathan Sacks, um dos principais expoentes do pensamento judaico contemporâneo, nos brinda com mais uma de suas valiosas colaborações. Por meio de cartas fictícias, trata de temas dos mais concretos, de desafios dos mais pertinentes, de preocupações das mais candentes. Ao ler tais missivas, preparamo-nos para o momento mais solene do nosso calendário, o *Iom Kipur*, quando, nas palavras do próprio autor deste livro, vivemos “o dia dos dias”. Vivemos um momento de reflexão e de avaliação de nossas atitudes pregressas, vivemos um momento de reflexão e de avaliação dos passos que vão modelar nosso futuro próximo.

De acordo com nossa tradição milenar, mergulho em minhas reflexões no dia de *Iom Kipur*. Penso nos rumos de minha vida pessoal, profissional e comunitária. E é sobre esta última que gostaria de tecer alguns comentários.

À frente da Confederação Israelita do Brasil, sinto o peso de representar uma comunidade e a responsabilidade de buscar soluções para os inúmeros desafios que insistem em perseguir nosso povo há milênios. E sinto o prazer e o orgulho de poder contribuir para a construção de uma comunidade cada vez mais forte, mais organizada e mais preparada para enfrentar a dinâmica imposta pelas características deste século 21.

Em seus ensinamentos, o rabino Jonathan Sacks despeja um conhecimento denso e profundo de maneiras sobre como buscar aliar nossa tradição milenar, nossos costumes e nossa religiosidade com as peculiaridades do universo contemporâneo. Podemos concordar ou discordar de algumas de suas idéias, mas não é a unanimidade que buscamos. Portanto, ler seus textos ajuda, sem sombra de dúvida, a jogar luzes sobre o caminho de quem, como nós, procura contribuir para levar nossa comunidade a viver o *Iom Kipur*, a cada ano, cada vez mais forte e mais coesa, sem perder de vista sua diversidade e sua riqueza de pontos de vista.

O rabino Jonathan Sacks, após assumir a liderança religiosa da comunidade judaica britânica no começo dos anos 1990, contribuiu de maneira fundamental para um esforço de fortalecimento e revigoração dos alicerces do judaísmo no Reino Unido. Nós, na ação comunitária de uma entidade de representação política como a Conib, desejamos e atuamos no sentido de contribuir para um avanço de nossa organização comunitária. E aproveitamos também as reflexões de *Iom Kipur* para meditar sobre nossos passos.

Claudio Luiz Lottenberg

Ex-Presidente da Confederação Israelita do Brasil

Tishrê 5771



O **Rabino Lord Jonathan Sacks** é, desde 1991, Rabino-Chefe da Grã-Bretanha e Comunidade Britânica.

Educado em Cambridge e Oxford, lecionou em universidades e liderou congregações na Inglaterra, em Israel e nos Estados Unidos.

Autor de vários livros, entre eles "Uma Letra da Torá" e "Para Curar um Mundo Fraturado", publicados em português pela Editora Sêfer, ele vive em Londres, Inglaterra.

